

## Dispositivos de Leitura Eletrônicos

---

### Dispositivos de lectura electrónica

---

#### *Electronic Reading Device*

---

André Lemos<sup>1</sup>

É ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. Daí a razão do desassossego dos leitores, que devem transformar seus hábitos e percepções, e a dificuldade para entender uma mutação que lança um profundo desafio a todas as categorias que costumamos manejar para descrever o mundo dos livros e a cultura escrita. (CHARTIER, 2002, p. 24)

**Resumo** *O presente ensaio visa discutir, pela ótica da teoria Ator-Rede (Actor-Network Theory) e da teoria das Materialidades da Comunicação (Materialities of Communication), os novos dispositivos de leitura eletrônicos. Em um primeiro momento compara-se a materialidade dos diversos dispositivos de leitura (computadores, tablets e leitores de livros eletrônicos – e-books readers) e, em um segundo momento, através da Teoria Ator-Rede, discute-se as novas formas de localização da informação, que tem no livro impresso a sua fonte considerada como original. Questiona-se a noção de original nas obras de arte, incluindo a literatura para afirmar a cópia como uma trajetória importante de uma origem. Nesse sentido, problematiza-se a desadaptação da cultura impressa à cultura digital.*

**Palavras-chave:** Livro Eletrônico. Teoria Ator-Rede. Materialidades da Comunicação. Cibercultura.

**Resúmen** *Se analizan en este ensayo, desde la perspectiva de la teoría actor-red y de la teoría de las materialidades de la comunicación, los nuevos dispositivos electrónicos de lectura. En primer lugar, se compara la materialidad*

<sup>1</sup> Professor Associado da Faculdade de Comunicação da UFBA. Pesquisador 1 do CNPq. <http://andrelemos.info>

*de los diferentes dispositivos de lectura (ordenadores, tabletas y lectores electrónicos), y, en segundo lugar, a través de la teoría actor-red, se discuten nuevas formas de localización de información, que tiene en el libro impreso su fuente original. Nos cuestionamos la noción de original en las obras de arte, incluyendo la literatura, para afirmar que la copia es una importante trayectoria de una fuente original. En este sentido, se problematiza el desajuste de la cultura impresa en la cultura digital en la actualidad.*

**Palabras-clave:** *E-libros. Teoría actor-red. Materialidades de la comunicación. Cibercultura.*

**Abstract** *This essay discusses, from the perspective of Actor-Network Theory and the theory of the materialities of communication, the new electronic reading devices. At first, we compare the materiality of different reading devices (computers, tablets, and electronic readers – e-book readers), and, second, through Actor-Network Theory, we discuss new forms of informational location, which is took from printed the book as the original source. We question the notion of original in works of art, including literature, to affirm that the copy is an important trajectory from an original source. In this sense, the author question the misfit of print culture in nowadays digital culture.*

**Keywords:** *E-books. Actor-Network Theory. Materialities of Communication. Cyberculture.*

---

Data de submissão: 08/08/2011

Data de aceite: 14/12/2011

## Introdução

A “Amazon.com” acaba de anunciar que suas vendas de livros eletrônicos superaram a venda de todos os livros de papel. Esse é um marco na atual reconfiguração da cadeia produtiva dos livros, para escritores, editoras, distribuidores e leitores. Nesse ensaio, vou discutir a emergência dos novos dispositivos de leitura eletrônicos a partir de suas materialidades, tendo por base as formas de leitura tradicionais e emergentes, e a necessidade de se repensar a localização das citações e dos originais em meio às transformações eletrônicas dos textos. Assim, em um primeiro momento, desenvolvo uma reflexão comparando as práticas corporais e materiais de leitura em diferentes dispositivos (computadores, leitores eletrônicos e tablets) e depois, em um segundo momento, analiso a necessidade de adaptação da cultura dos livros de papel à nova cultura dos livros eletrônicos, tendo por base uma discussão sobre os problemas de localização de citações em um formato e no outro. Esse último exemplo vai nos permitir questionar a ideia de original e enquadrá-lo na trajetória da obra e na mobilidade da escrita, reconhecendo a emergência de novos padrões culturais trazidos à baila pelos dispositivos eletrônicos de leitura. Este ensaio tem como base teórica as teorias das materialidades de comunicação e “Ator-Rede” (ANT).

## Novos Suportes

Comprei um Kindle<sup>2</sup> e estou lendo mais do que nunca. Voltei inclusive a ler jornal (e não clicar em links nos jornais on-line), assinando alguns periódicos (coisa que não fazia há muito tempo). A tinta eletrônica é excelente e a tela parece papel. Por não ser iluminada, ela garante um grande conforto. Esse conjunto de características faz da leitura uma experiência muito similar à leitura de um livro de papel, de um jornal ou

<sup>2</sup> Mas há outros como o Nook, Sony Reader, Alfa...

revista impressa. Voltarei a essas diferenças mais adiante. Além do mais, não há pirotecnia (o que sempre me incomodou em CD-ROMs, DVDs e livros interativos), é ligar e ler, simplesmente. Há muitas vantagens, como o acesso ao dicionário ao posicionar o cursor próximo a alguma palavra, marcação e notas que podem ser estocadas e compartilhadas no Twitter, compra e acesso imediato de livros, revistas ou jornais (sem espera ou pagamento de fretes), portabilidade e acesso à uma biblioteca de até 3 mil livros em um único dispositivo de 300 g, permitindo ao leitor ler aquilo que o “momento” lhe pede; e algumas desvantagens: a bateria, embora a do Kindle dure quase um mês sem o Wi-Fi/3G ligados, e para os que ainda estão materialmente presos ao papel, não há o cheiro ou o manuseio das páginas e nem dá para riscar do lado com um bom lápis. Mas não se trata de colocar um dispositivo contra o outro (continuo lendo livros de papel e clicando em links nos jornais on-line), mas de entender a emergência de novas formas de leitura já que, desde sempre, o suporte vem mudando. Deve-se reconhecer a mobilidade dos textos dos dispositivos de leitura.

Devemos pensar a materialidade dos suportes. Sempre é preciso adaptação. Tenho como hipótese que sempre que o suporte material cria hábitos corporais e práticas específicas de uso, a sua incorporação aos costumes é mais lenta e enfrenta mais resistências. Para um mesmo conteúdo, trocar os suportes, nesses casos, é sempre mais difícil. Vejamos alguns exemplos no caso do cinema ou da música. Ir ao cinema não é equivalente à experiência de ver um filme em DVD em casa. O conteúdo pode ser o mesmo, mas cinema é corpo em um ambiente. A materialidade desse conjunto de dispositivos comunicacionais (a sala, a película, o som, a luz, os espectadores, a presença de outros espectadores, a impossibilidade de interagir e interferir na visualização etc.) é bem distinta daquela de uma sala onde se assiste ao mesmo filme em um DVD, por exemplo. O corpo pede, por assim dizer, o cinema e, por isso, ele não é “dispensado”. Com a música é diferente. O suporte não importa, mesmo que o lugar da audição seja sempre importante. O que conta é o “onde” (o lugar importa muito e sempre, mas ele é indepen-

dente do suporte) e quando se ouve. Não há manipulação (o corpo que toca) do suporte (vinil, fita, CD, DVD). Não interessa muito se o que se ouve está em um CD, MP3 ou Vinil (mesmo que existam idiosincrasias de uma minoria nessa escuta e alguns preferam determinados suportes). Da mesma forma que o cinema, os concertos não são substituídos pela audição em casa.

No caso dos livros, o objeto que dá suporte ao texto é muito sensorial e o corpo identifica a prática de leitura exigida por esse suporte. Mesmo que o conteúdo a ser lido seja o mais importante, a prática da leitura está muito condicionada pelo suporte. Daí a dificuldade (decrecente, já que a venda de e-books tende a superar a de livros impressos) em aceitar os leitores eletrônicos. Acredito que em pouco tempo os livros impressos serão peças de coleção, de edições especiais, comemorativas, ou quando o suporte material for a tônica maior da obra. Da mesma forma as livrarias se tornarão lugares para leituras especiais de livros impressos especiais. As livrarias continuarão a existir, mas cumprindo outro papel. Não o de um grande bazar de todos os livros, mas o de um lugar de obras especiais. De fato isso já acontece com as pequenas livrarias em relação às grandes. Elas continuam a existir como um lugar diferenciado do grande bazar, sendo um espaço para maior proximidade com livros especiais (por serem impressos) e com outros leitores, com vendedores diferenciados (em muitas livrarias são até os próprios escritores) etc. Para a leitura cotidiana, os formatos eletrônicos vão superar os impressos. Eles serão complementares<sup>3</sup>. Talvez a “era do impresso” tenha sido apenas um parêntese (o “parêntese Gutenberg”<sup>4</sup>) na história da leitura e da escrita.

<sup>3</sup> Robert Darnton (2009), autor de *A questão dos livros, em Cinco mitos sobre a idade da informação* (DARNTON, 2011), artigo traduzido no Observatório da Imprensa, aponta que “Devia-se pensar em livros velhos e e-books como aliados, e não como inimigos.”

<sup>4</sup> Sobre a discussão sobre o “parêntese Gutenberg”, ver: <http://www.niemanlab.org/2010/04/the-gutenberg-parenthesis-thomas-pettitt-on-parallels-between-the-pre-print-era-and-our-own-internet-age/>

## **Materialidade e Novas Práticas: impresso, e-readers e tablets**

A teoria das materialidades da comunicação (ver FELINTO, 2001; GUMBRECHT; PFEIFFER, 1994; HANKE, 2005; PEREIRA DE SÁ, 2004) sustenta que devemos reconhecer o papel dos artefatos e dos atores na comunicação como visão que vai além de uma hermenêutica da comunicação, indo de certa forma contra a imaterialidade do processo comunicativo. Para Gumbrecht, o sentido não deve se sobrepor ao suporte e à materialidade. Isso, no entanto, não significa que seja impossível uma interpretação do processo comunicacional. Para o que nos interessa aqui, buscamos compreender a relação material e corporal do uso dos dispositivos de leitura a fim de sugerir uma análise que leve em conta as características de cada um deles na relação com suas práticas e usos. Vejamos.

O jornal impresso tem o papel como suporte, onde os caracteres estão previamente fixados. Ele é um produto acabado, como uma temporalidade própria (quotidiano em sua maioria) que indica uma determinada postura corporal (sentado, folheando as páginas) e momento especial de leitura, mais focado, já que o produto é oferecido de forma finalizada ao leitor<sup>5</sup>. Ele é barato, portátil e descartável. Já o jornal na web é aberto, com conexão entre links que oferecem possibilidades de leituras mais rápidas e eficientes. Os caracteres (agora eletrônicos) fixam-se por demanda, a cada clique, aparecendo em uma tela iluminada, desaparecendo a cada navegação. Não há um fechamento temporal já que no jornal na web as atualizações das matérias são constantes e, diferentemente do impresso, há formatos multimidiáticos e interativos. Esse produto jornalístico oferece ainda a possibilidade de acesso a arquivos em bancos de dados, criando uma gigantesca memória informacional disponível através de alguns cliques. A postura corporal é bem diferente daquela do leitor do jornal impresso. O corpo curva-se sobre uma máquina, através de uma interação indireta (através de mouse e pads, diferente dos tablets e e-readers cuja ação

<sup>5</sup> Sobre a relação entre objetos e seus usos, veja a noção de “affordance” de Gibson em Bloomfield et al., 2010.

é mais direta, semelhante à manipulação do papel). Além disso, convoca uma posição parecida com aquela de quem trabalha com computadores<sup>6</sup>.

Um jornal em um leitor eletrônico, como o “Kindle”, por exemplo, retoma a ideia de um produto fechado, como o jornal impresso, com uma temporalidade também delimitada (a edição do dia). Ao clicar para “baixar” o jornal (comprando um exemplar ou fazendo uma assinatura), o usuário tem a versão do dia, similar à versão impressa<sup>7</sup>. Os caracteres digitais fixam-se por uma “tinta eletrônica” em uma tela sem luz que emula (bem) o papel. Assim, o e-reader procura trazer de volta a experiência de se ler um livro ou um jornal de papel. Embora o dispositivo de leitura seja portátil, como o jornal impresso, ele amplia as possibilidades de acesso, já que o usuário pode, em um clique, receber um exemplar em qualquer lugar do mundo, em segundos (por redes sem fio – Wi-Fi ou 3G). Pode-se ainda acumular os exemplares sem que com isso tenha que carregar os cadernos impressos (ou os livros). Com um conteúdo fechado (como um livro ou um jornal impresso), a leitura é mais “focada”, diferente do “surf” na web. A postura corporal também é diferente, seja daquela do jornal na web, seja da leitura do jornal impresso: os cadernos não são abertos em movimentos amplos dos braços e não se está sentado com o corpo curvado em direção a um computador. A leitura é próxima daquela de um livro (as duas mãos diante dos olhos).

Já a leitura de um jornal ou de um livro em um tablet, como o iPad, por exemplo, não é nem como a leitura de um jornal impresso, nem como um jornal na web, nem como a leitura em um e-reader (embora se assemelhe muito e acho mesmo que virão a se fundir em breve, aliás só há futuro próximo!). O tablet utiliza aplicativos adaptados ao dispositivo. A informação é fixada em uma tela iluminada (bem diferente do conforto dos e-readers), oferecendo a possibilidade de uma postura próxima daquela de quem lê um livro (e diferente daquela da web). Mas o conteúdo pode ser outro, mais aberto, com links, interativo, multimidiático, adaptado à tela “touch-screen” e aos movimentos de rotação do equipamento, como os primeiros livros

<sup>6</sup> Já há e-readers com touch-screen, como o Nook da Barnes and Nobles, mas esse recurso divide alguns usuários que preferem um dispositivo conectado, mas menos “high-tech”.

<sup>7</sup> Há algumas diferenças e limitações. Há menos fotos que o impresso e, na sua maioria, não há o uso de links, como em um jornal na web.

eletrônicos em CD-ROM! Por exemplo, ao usar o acelerômetro (rodá-lo e colocá-lo na horizontal ou vertical) uma imagem pode se transformar em um vídeo, por exemplo. A tela tátil permite uma interação mais complexa e intuitiva do que aquela com o teclado para a web, ou as teclas para passar as páginas de um e-reader<sup>8</sup>. A ação corporal é diferente daquela do impresso ou da web, e bem mais próxima dos e-readers, embora a interatividade crie novas exigências de apoio do dispositivo, ou de movimentos característicos.

Nesse rápido exemplo, vemos como uma análise da materialidade revela diversos agentes (dispositivos, produtores de textos, criadores de software, de imagens e de sons, usuários e suas práticas e hábitos corporais, lugares constituídos, distribuidores, escritores etc.) que atuam diferentemente a depender do conteúdo, do dispositivo e das práticas corporais. Temos que analisá-los a partir dessa rede de atores que compõem, de hoje em diante, as práticas de leitura e da cadeia de produção e distribuição dos livros<sup>9</sup>. Todos esses atores, humanos e não humanos (LATOURET, 2005), têm um papel fundamental no processo de constituição da atual mobilidade dos processos de leitura e de escrita. Isso não é uma novidade, mas devemos considerar a sua dimensão atual. Sabemos que as transformações são uma constante na história da leitura, da escrita e do desenvolvimento dos suportes (tabuletas, pergaminhos, papiros, códex, computador, internet, celulares, e-readers, tablets...).

### **Mobilidade e Imobilidade dos Textos nos Leitores Digitais: novas trajetórias**

Duchamp, bebendo um refrescante shandy, aproximou-se e explicou a Prados que só se narram contos para que alguém os repita, e que deixamos de contá-los quando esses relatos não se conservam, e que, se não se conservam, é porque deixamos, ao escutá-los, de fiar e de tecer. Enrique Vila Matas (2011, p. 34)

<sup>8</sup> Já há e-readers com touch-screen, como o Nook da Barnes and Nobles, mas esse recurso divide alguns usuários que preferem um dispositivo conectado, mas menos “high-tech”.

<sup>9</sup> Infelizmente não tenho tempo para fazer essa análise aqui e indico apenas essa pista de pesquisa.



A questão da mobilidade dos textos e dos dispositivos de leitura remete ao problema da localização da informação e da originalidade da obra produzida. Vou abordar essas noções a partir da dificuldade que os leitores eletrônicos apresentam quanto à forma de indicar uma referência. Isso mostra as dificuldades de transição das materialidades dos dispositivos em meio à cultura digital e a necessidade de adaptações criativas. Por exemplo, como citar as referências de um livro no Kindle se o mesmo não tem páginas, mas “locations”? Para a citação de uma obra eletrônica (PDF, ou texto em sites), em geral, o que fazemos é colocar a referência como no impresso, no site ou indicar o DOI<sup>10</sup>. Nessa citação, há referência à revista de papel e ao documento eletrônico, mantendo a paginação da revista impressa. Neste outro caso: “Tuters, M., Varnelis, K. (2006). *Beyond locative media*, in [http://networkedpublics.org/locative\\_media/beyond\\_locative\\_media](http://networkedpublics.org/locative_media/beyond_locative_media)”, não há páginas e o texto é apenas eletrônico, indicando a URL. Caso citemos algum trecho, esse fica sem páginas.

No caso do Kindle, o que se aconselha é que façamos a citação da obra no seu suporte impresso (livro ou revista) e indiquemos que a referência partiu de uma versão do Kindle. Mas não há consenso. Alguns especialistas indicam que o melhor é a localização, ou o número do parágrafo (em alguns leitores que não o Kindle). No caso do Kindle, a localização é um problema, pois, ao aumentar a fonte do texto, a localização muda automaticamente. Assim sendo, só é possível manter a localização como referência se o leitor não alterar o tamanho da fonte padrão do livro eletrônico e indicar isso na nota. Ou seja, ao se referenciar uma citação de um livro no Kindle, deve-se dizer qual o dispositivo, o tamanho da fonte e a sua localização. Outros autores sustentam a necessidade de manter o formato atual e que o pesquisador busque a referência nos livros impressos em bibliotecas, livrarias ou no “Google Books” (quando houver). Ou seja, o dispositivo eletrônico não deve assim perturbar a localização das informações estabelecidas pela cultura do impresso.

<sup>10</sup> Por exemplo: “Lemos, André., *Post-Mass Media Functions, Locative Media, and Informational Territories: New Ways of Thinking About Territory, Place, and Mobility in Contemporary Society.*, in *Space and Culture*, November 2010 13: 403-420, doi:10.1177/1206331210374144”.

No entanto, o problema persiste e só tende a aumentar se pensarmos que, cada vez mais, teremos obras apenas eletrônicas, feitas em formatos específicos para dispositivos específicos. Como citar a obra e passagens da mesma quando ela não tiver uma versão impressa? Transformar em PDF, indexar artificialmente páginas e colocar nos formatos dos e-readers? Meus livros “Reviravolta” (LEMOS, 2010a) e “Caderno de Viagem” (LEMOS, 2010b) são e-books, sem versão impressa. Como leio os dois no Kindle, devo fazer a citação usando a localização e dizer que é no formato “mobi” para Kindle? E se for em formato e-pub, em um iPad, mantenho uma outra forma de indexação da passagem e digo que é no iPad? Uma discussão interessante foi travada recentemente na lista “air-l@listserver.aoir.org” da “Association of Internet Researchers”<sup>11</sup>, iniciada pelo Rich Ling. Esse é um problema que devemos enfrentar rapidamente para normatizar as citações de obras que serão cada vez mais em formatos e-book (pdf<sup>12</sup>, e-pub, mobi etc.). O debate está aberto e longe de terminar.

O que quero destacar aqui é que a mudança de dispositivo (os e-readers e tablets) mobiliza uma rede de atores humanos e não humanos, produzindo controvérsias (memória, confiabilidade, referências, discussão, indexação) e alterando as formas de produção, difusão e estoque de informação. Há uma mudança, a longo prazo, nas formas de produzir, distribuir e armazenar o conhecimento.

O que é mesmo uma página senão a materialidade do papel? O papel formou e conformou o nosso pensamento ao moldar formas de escrita e leitura. É justamente essa materialidade que está em questão sendo substituída, pouco a pouco, pela materialidade eletrônica do dispositivo. Nos dispositivos de leitura eletrônicos, o suporte em papel (forma fechada pela edição) dá lugar a uma superfície eletrônica de onde emergem signos textuais que podem ser modificados (mudança de tamanho de fonte), colocados em contato com outros textos de forma mais performática que a

<sup>11</sup> <http://www.aoir.org/>

<sup>12</sup> O formato, por ser uma imagem, pode ter na sua fonte uma paginação que se mantém. Mas se convertermos o PDF em e-pub ou mobi, essa referência se perde.

referência em pé de página em um suporte em papel, ou compartilhados em redes sociais (pode-se compartilhar trechos dos livros no Kindle no Twitter, ou ver o que outros leitores marcaram no livro<sup>13</sup>). O leitor torna-se, de alguma forma, o editor da obra (e também, no limite, distribuidor, já que pode repassar o texto se estiver livre de proteção, ou contorná-la e distribuir em outros formatos<sup>14</sup>). O editor (o “tipógrafo”) passa a ser o próprio leitor (CHARTIER, 2002). O livro entra em uma era de bancos de dados e tanto o dispositivo como a leitura ganham novas dimensões: buscar livros em bancos de dados extensos (Amazon, Google Books), encontrar passagens de um livro em outro livro, ver o que os leitores marcaram, cruzar essas marcas, circular partes do texto de um livro em redes sociais, identificar quando e quantas vezes uma palavra aparece nos livros por ano etc.<sup>15</sup> Reforça-se assim uma comunidade de leitores, uma nova “República das Letras”. O Kindle, e os dispositivos eletrônicos de leitura em geral, é um “biblio” (DERRIDA, 2004), um espaço/lugar de armazenamento e distribuição de informações textuais móveis.

Sem enfrentar o problema, recentemente o Kindle o resolveu de forma bastante conservadora. Foi assim, pragmático, não enfrentando o seu próprio desafio (e que reflete o problema da cultura digital em geral: referência, original, copyright etc.). O Kindle passou a oferecer o número da página da versão impressa, a versão que dá “origem” ao livro eletrônico. A solução é conservadora: manter a amarração do texto com a sua versão impressa. Isso resolve o nosso problema de normatização, mas não ousa como solução já que tende a apagar as diferenças das publicações digitais em relação às impressas. Toma-se a versão impressa como se essa fosse a “original”. A questão é mais profunda, pois remete à indexação de obras eletrônicas, que devem, aos poucos, abandonar a noção anacrônica de páginas dos impressos e se libertar das amarras de

<sup>13</sup> Esse recurso é oferecido no Kindle. O usuário, ao configurá-lo, pode adicionar, aos livros que está lendo, as marcas e comentários feitos por outros leitores da mesma obra, tornando a leitura uma ação de “rede social”.

<sup>14</sup> O que é hoje bem comum para a música, filmes e softwares, a troca de arquivos em redes P2P, está começando acontecer com os livros eletrônicos. Esse é ainda um dos motivos que têm levado algumas editoras a não adotar, ou adotar com receio, esse novo formato.

<sup>15</sup> Ver a esse propósito Bernhard Rieder: 81,498 Words: the Book as Data Object, in Masters of Media, <http://master-sofmedia.hum.uva.nl/2011/05/22/bernhard-rieder-81498-words-the-book-as-data-object/>

um suposto original. Não será isso, no fundo, o que ainda está pairando na discussão sobre os livros de papel e os digitais e na resistência em relação a esses últimos? Não seria mesmo a nostalgia do papel, que seria o original que fixa para sempre a informação em suas páginas?

Bruno Latour e Adam Lowe (2010) desenvolveram um interessante argumento mostrando que na obra de arte o que importa é que o original gere uma linhagem (as mais diversas cópias e versões). Para os autores, mais importante do que perguntar se estamos diante de um original ou de uma cópia, é saber se essa cópia é boa, se ela valoriza a sua origem, se ela “produz” a “aura” do original. Esse é importante se consegue gerar o maior número possível de boas cópias (boas edições). Caso contrário, ele perde a aura e desaparece (um livro não publicado e reeditado, uma peça teatral sem remontagens, uma música sem exibições etc.). O original só pode ser pensado enquanto tal se existe nas suas reproduções. São elas que garantem a sua originalidade como aquilo que dá origem, que gera cópias, que inicia uma trajetória.

No caso dos livros, o debate sobre a localização da informação faz eco a essa discussão já que a opção pela manutenção de uma localização pelo número da página do papel impresso indica que essa versão seria o original. Mas nesse caso ela é desvalorizada como cópia, já que deve manter as amarras da sua forma impressa. Dessa forma, o “original” das versões impressas se sobrepõe à “cópia” da versão eletrônica. Essa visão distorce e pressupõe a ideia de original no impresso e de cópia no eletrônico, ao mesmo tempo em que não leva em consideração as características dos atuais dispositivos de leitura.

No entanto, a referência à página do impresso já é ela mesma um deslocamento do original, uma trajetória de uma origem da localização do texto. Ela já é a cópia de um “original”. No fundo, as letras e os dispositivos são sempre móveis e são sempre trajetórias de um original. A fixação na página nada mais é que uma ilusão de um “porto seguro”. Não foi agora, com os e-readers, que os livros e os leitores tornaram-se móveis. Eles assim o são no suporte de papel e passam a ser ainda mais com os dispositivos eletrônicos de leitura. Só há textos e leitores móveis.

Na realidade, só há cópias de um original, movendo os caracteres a cada edição, alterando a sua localização.

Latour e Lowe afirmam que o que interessa é a trajetória da aura do original. Benjamin estaria errado, já que a trajetória do original não pode ser vista como a degradação da aura, mas justamente o oposto. O que garante a importância de uma origem é a existência da sua linhagem. Outro texto de Latour e Hennion (1996), publicado nos “Cahiers de Médiologie”<sup>16</sup> já mostrava esse erro, afirmando que a aura aumenta com a reprodução técnica. O que importa é que a cópia (a releitura, a montagem, a edição, a versão) seja de qualidade e possa continuar a trajetória de um original. Toda produção (não só da obra de arte) deve ser vista como o desenvolvimento de uma “trajetória” na qual o original é a “origem” e a cópia o “copioso”, o farto<sup>17</sup>.

Vejam o que diz Latour e Lowe em algumas partes do seu texto<sup>18</sup>:

A work of art – no matter of which material it is made – has a trajectory or, to use another expression popularized by anthropologists, a career. What we want to do in this paper is to specify the trajectory or career of a work of art and to move from one question that we find moot (“Is it an original or merely a copy?”) to another one that we take to be decisive, especially at the time of digital reproduction: “Is it well or badly reproduced?” The reason why we find this second question so important is because the quality, conservation, continuation, sustenance and appropriation of the original depends entirely on the distinction between good and bad reproduction. We want to argue that a badly reproduced original risks disappearing while a well accounted for original may continue to enhance its originality and to trigger new copies. (LATOUR; LOWE, 2010).

<sup>16</sup> Cahiers de Médiologie – <http://www.mediologie.org/>

<sup>17</sup> Essa discussão poderia também ser muito útil ao debate sobre direitos autorais no Brasil e iluminar o atual Ministério da Cultura.

<sup>18</sup> Nota sem referência à localização das passagens já que o PDF que utilizei não oferece essa informação. As citações acima vêm de uma reprodução em PDF, que é na realidade o original (o que origina a trajetória desse texto, já que esse está sendo publicado em um livro). O livro já está publicado. Vejam o seu rastro escrito abaixo do título do artigo em PDF: “A chapter prepared by Bruno Latour & Adam Lowe for Thomas Bartscherer (editor) Switching Codes, University of Chicago Press (2010) . Final version –after editing by CUP”.

Actually, this connection between the idea of copies and that of the original should come as no surprise, since for a work of art to be original means nothing but to be the origin of a long lineage. Something which has no progeny, no reproduction, and no inheritors is not called original but rather sterile or barren. To the question: “Is this isolated piece an original or a facsimile?”, it might be more interesting to ask: “Is this segment in the trajectory of the work of art barren or fertile?”. (LATOURE; LOWE, 2010).

Na citação anterior, qual é o original (feito a quatro mãos) que principiou essa reprodução? Provavelmente o texto escrito em mais de um processador de texto, em um vai e vem entre os autores. Chegar ao original, ou seja, no texto dito pronto para gerar publicações e cópias, é um árduo e longo trabalho de produção de “proto-originais” (sabemos o quanto é difícil decidir quando chegamos ao original que será a origem de uma trajetória de reproduções e cópias. E isso para todas as obras técnicas). Mas, a partir da sua versão “final”, ele, esse original, não parou de se reproduzir, e ainda bem, pois, caso contrário, estaria perdido em um HD para sempre, sem aura, sem cópia, sem função de mediação social, sem ser actante ou mediador que gera leituras, críticas, réplicas etc. Produzido e reproduzido, citado e criticado, o texto fará uma linhagem, criando, assim, a sua “aura” (original) em novas reproduções, citações, referências... Quantos textos não se reproduzem e morrem nos HDs dos escritores (um texto não aprovado para publicação)?

Como citar esse texto anterior já que foi retirado de uma cópia eletrônica na internet sem páginas? Que reprodução que irá manter a trajetória do original? Em páginas do livro impresso, em locations no Kindle, ou sem nenhuma localização como no PDF que origina aqui as minhas reproduções? Uma é mais legítima do que a outra? Ou deveria abdicar das versões eletrônicas em meio à riqueza que é a internet como fonte de informações e citá-lo apenas no livro publicado, buscando a página (que não tenho e, portanto, não poderia assim fazer essa reflexão)? No fundo a questão mais radical é se precisamos mesmo de uma localização. Se usamos um livro impresso, preciso da página já que essa é a forma au-

tomática de achar algo no conjunto de caracteres textuais de uma obra. Mas se estamos utilizando dispositivos eletrônicos, essa necessidade desaparece já que, se quero saber onde está a referência e comprovar se a citação está correta, ou qual o seu contexto, bastaria usar as características do dispositivo e fazer uma busca eletrônica no texto (a partir de uma ou mais palavras reproduzidas na citação), deixando a máquina me dizer onde ela está. Não é essa a função da localização? Comprovar a informação e situá-la em um contexto anterior ao que a situo agora?

Assim, o que importa, efetivamente, não é tanto a discussão sobre a origem no impresso, ou sobre a localização em números nos e-readers ou tablets. Esse debate não pode interromper a trajetória de um original. Devemos mudar o foco e a forma canônica de indexação em páginas e aceitar os novos formatos com localização flutuante (pouco importa aqui se mudo ou não as fontes ou seus tamanhos, já que a máquina encontrará a informação) que vão permitir, de forma mais rápida e planetária, que as trajetórias se mantenham e cresçam. Não se trata tanto de voltar a uma página de uma reprodução impressa que congelaria o tempo e tomaria para si o lugar de ponto central e original de ancoragem principal das citações, como fez o Kindle para resolver o problema. Cada edição, mesmo as impressas, produz outra localização da informação, já que é uma cópia. Localizar a citação é sempre localizá-la em uma reprodução, em um ponto da trajetória de uma originalidade. O original passa sempre por reproduções, resolvidas provisoriamente na edição do impresso, no caso dos livros. Haverá sempre novas reproduções do original e novas localizações, seja das páginas dos impressos ou dos “locations” do Kindle. No caso do impresso, a localização pelo número da página (essa ilusão de fixação) é sempre provisória, pois das duas uma: ou a obra continuará (e será reproduzida, desarrumando as informações, mudando as páginas), ou será esquecida, ficará sem linhagem e trajetória, e desaparecerá. Por isso que a solução da página também coloca em causa a migração da “aura” do original e é tão problemática quanto a “location” do Kindle.

Aprendemos a pensar na fixação da página impressa como mais “confiável”, como um “original”, de onde emanaria a “aura”, e a pen-

sar a reprodução (qualquer uma, e a digital mais recentemente) como inferior, como denegrindo a imagem do original, como a destruição pela reprodutibilidade eletrônica (a opção de Benjamin). Vejam que essa mobilidade do texto e o reconhecimento de que ele é uma cópia está na forma mesmo da citação acadêmica. Deve-se sempre informar o número da página, mas também o tempo e o espaço, o ano, o lugar e o nome da editora. Essa forma de citar reconhece na edição uma reprodução da trajetória de uma origem. O original (onde está ele mesmo?) só existe na reprodução que efetua a trajetória da migração, perpetuando a sua existência. E isso muda o tempo todo.

No fundo, acho que seria mais interessante falar de uma localização fluida, ou mesmo de uma não localização indexada (e que depende do leitor – aquele que lê, e do dispositivo utilizado) do que forçar os leitores a se fixarem na estrutura das páginas de uma edição impressa (também fluida de fato, mas com aparência de estática), ou nos números dos “locations” do Kindle. Voltando às páginas de um impresso como original, ou marcando os números da location ou dos parágrafos nos e-readers, perdemos a oportunidade de avaliar mais seriamente as mudanças na cultura digital de forma mais ampla e, mais particularmente, da mobilidade dos textos, dos originais e das cópias nos novos dispositivos de leitura eletrônicos.

## Referências

- BLOOMFIELD et al. Bodies, Technologies and Action Possibilities: When is an Affordance? In: *Sociology*, v. 44, n. 415, DOI: 10.1177/0038038510362469, 2010. Versão disponível em: <http://soc.sagepub.com/cgi/content/abstract/44/3/415>.
- CHARTIER, R. *Os Desafios da Escrita*. Kindle Version. Versão impressa. São Paulo: Unesp, 2002.
- DARTON, R. *A Questão dos Livros*. Passado, presente e futuro. São Paulo: Cia das Letras, 2009.



- DARTON, R. *Cinco Mitos sobre a Idade da informação*. Disponível em: Observatório da Imprensa <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=638JDB027>.
- DERRIDA, J. *Papel Máquina*. São Paulo: Estação Liberdades, 2004.
- FELINTO, E. Materialidades da Comunicação: Por um Novo Lugar da Matéria na Teoria da Comunicação. In: *Ciberlegenda*, n. 5. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/felinto1.htm>. Acesso em: 24 abr. 2012.
- GUMBRECHT, H. U.; PFEIFFER, L. *Materialities of Communication*. Stanford University Press, 1994.
- HANKE, M. M. *Materialidade da Comunicação – Um Conceito para a Ciência da Comunicação?* Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0680-1.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2012.
- HENNION, A.; LATOUR, B. L'art, l'aura et la distance selon Benjamin, ou comment devenir célèbre em faisant tant d'erreurs à la fois... In: *Cahier de Médiologie*, n. 1, Paris, Gallimard, 1996. Disponível em: [http://www.mediologie.org/collection/01\\_spectacle/hennion-latour.html](http://www.mediologie.org/collection/01_spectacle/hennion-latour.html).
- LATOUR, B. *Reassembling the social. An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LATOUR, B.; LOWE, A. The Migration of Aura. In: BARTSCHERER, Thomas (Ed.). *Switching Codes*. Chicago: University of Chicago Press, 2010. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/node/151>. Acesso em: 24 abr. 2012.
- LEMOS, A. *@re\_vira\_volta. Uma experiência em Twitteratura*. Porto Alegre: Ed. Simplíssimo, 2010. Disponível em: <http://www.simplissimo.com.br/store/atre-vira-volta.html>. E-book. ISBN – 978-85-6365-422-9.
- LEMOS, A. *Caderno de Viagem. Comunicação, Lugares e Tecnologias*. Porto Alegre: Editora Plus, 2010. E-book. ISBN 978-85-62069-33-8.
- PEREIRA DE SÁ, Simone. Explorações da noção de materialidade da comunicação. In: *Contracampo*, n. 10/11, p. 31-44, 2004.
- VILA-MATAS, Enrique. *História Abreviada da Literatura Portátil*, SP. São Paulo: Cosac Naify, 2011.